REMATE DE MALES
Campinas-SP, v.46, e026020, 2026

Responder ao não não humano – *Thomas l'obscur,* de Maurice Blanchot

Respond to the Nonhuman – Maurice Blanchot's *Thomas l'obscur*

Victória Monteiro de Lima[1]
Mayara Dionízio[2]

Resumo: Será possível responder ao não humano sem, para isso, recorrer a formas de inteligibilidade pré-existentes – isto é, sem reconduzi-las aos modos habituais de compreensão e apreensão sensível que asseguram o domínio do conhecido? E, se assim for, que tipo de ética da resposta pode emergir dessa experiência? Tomando como *corpus* a narrativa ontologicamente descentrada de *Thomas l'obscur*, investigaremos de que modo Maurice Blanchot (1950) concede agência a elementos não humanos – a noite, o mar, um gato, a própria linguagem –, que comparecem não como metáforas, mas como forças autônomas cuja presença exige uma leitura à altura de sua alteridade radical. Nessa zona de exposição, que não é nem fusão nem distância segura, agentes textuais e leitores entram em um processo de coimplicação, no qual ambos se veem afetados sem que isso implique uma dissolução harmoniosa das diferenças. Ao contrário, a alteridade em *Thomas l'obscur* afirma-se justamente como aquilo que não se deixa estabilizar, nem mesmo no interior da relação, exigindo do leitor a sustentação instável de um limiar sensível. Propomos, assim, compreender a experiência leitora de *Thomas l'obscur* como um apelo à resposta em uma linguagem que é, ela mesma, não humana: uma prática que instaura um intervalo relacional no qual a diferença pode tocar a diferença sem a mediação redutora do mesmo.

1 Mestra em Estudos da Tradução pelo Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo (USP): victoriammonteiro@hotmail.com.
2 Membra redatora do Espace Maurice Blanchot; pesquisadora na Université du Québec à Montréal (UQAM), Département d'Études Littéraires, Canadá, e pesquisadora de pós-doutorado na Universidade Federal do Paraná (UFPR); doutora em Filosofia (UFPR) e em Littérature et Civilisation Françaises (Université de Picardie Jules Verne, UPJV). Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Código de financiamento 001: mayaradioniso@hotmail.com.

(cc) BY-NC

DOI: 10.20396/remate.v46i00.8682316

Esse intervalo constitui tanto a potência quanto o limite ético desse modo de leitura, antecipando, nos movimentos finais da obra, a vergonha de Thomas e sua constatação de que "l'humanité seule peut mourir" [apenas a humanidade pode morrer] (Blanchot, 1950, p. 107).
Palavras-chave: Maurice Blanchot; não humano; ética.

Abstract: Is it possible to respond to the nonhuman without resorting to pre-existing protocols of intelligibility – that is, without reinscribing it within habitual modes of understanding and sensible apprehension that ensure the mastery of the known? And if so, what kind of ethics of response might emerge from such an experience? Taking as its corpus the ontologically decentered narrative of *Thomas l'obscur*, this article investigates how Maurice Blanchot (1950) grants agency to nonhuman elements – the night, the sea, a cat, language itself – which appear not as metaphors but as autonomous forces whose presence demands a reading commensurate with their radical alterity. In this zone of exposure, which is neither fusion nor a position of safe distance, textual agents and readers enter a process of co-implication in which both are affected, without entailing any harmonious dissolution of differences. On the contrary, alterity in *Thomas l'obscur* asserts itself precisely as that which cannot be stabilized, even within relation itself, thus requiring the reader to sustain an unstable sensitive threshold. We therefore propose to understand the reading experience of *Thomas l'obscur* as an appeal to response in a language that is itself nonhuman: a practice that establishes a relational interval in which difference may touch difference without the reductive mediation of the same. This interval constitutes both the power and the ethical limit of this mode of reading, anticipating, in the final movements of the work, Thomas' shame and his realization that "*l'humanité seule peut mourir*" [only humanity can die].
Keywords: Maurice Blanchot; nonhuman; ethics.

INTRODUÇÃO

Como responder ao "não-humano" (Viveiros de Castro, 2005) durante uma experiência de leitura sem acabar por reduzi-lo, capturá-lo ou domesticá-lo, gestos talvez inevitáveis diante do assombro e do excesso do radicalmente outro? Será que isso é possível e, em caso afirmativo, qual seu limite ético? *Thomas l'obscur*, de Maurice Blanchot (1950), oferece uma ocasião privilegiada para enfrentar esse desafio e mapear suas implicações para um modo ético de responder ao não humano. Na obra, elementos como a noite, o mar, um gato e a própria linguagem adquirem agência plena, comparecendo não como metáforas a serviço de um drama humano, mas como forças autônomas e constitutivas de um tecido narrativo anterior à subjetividade. Assim, a narrativa de Blanchot é também campo privilegiado para uma experiência limite daquilo que excede a ordem do sujeito, na medida em que suspende a centralidade do humano como instância última de sentido.

Ao deslocar radicalmente a centralidade epistêmica e ontológica do humano para dar lugar a uma experiência sem sujeito, *Thomas l'obscur* exige do leitor, como veremos, um modo outro de responder ao texto, solicitando que o leitor aceite participar de uma realidade na qual os contornos entre humano, animal, vegetal e mineral são móveis e porosos. Trata-se de uma realidade que encena menos acontecimentos no sentido narrativo tradicional, com eventos passíveis de relato, do que um fluxo de forças, relações e processos nos quais o acontecimento não se distingue do próprio desfazer e recompor do real, à revelia da consciência de Thomas – e do leitor. Durante uma tal leitura, o sujeito não dispõe de seus regimes prévios de inteligibilidade de apreensão sensível – posturas interpretativas que convertem o estranho em imagem reconhecível –, sendo, antes, convocado a permanecer vulnerável à interpelação muda do texto.

Se um dos desafios biopolíticos decisivos do nosso tempo é o de reconfigurar os fundamentos da nossa convivência entre outros viventes, a exigência de responder ao não humano, que encontramos em *Thomas l'obscur*, revela-se fecunda ao fazer da leitura um exercício radical de exposição e de responsividade ao heterogêneo, mas também de interrogação acerca das limitações próprias a essa exposição que, diante de um real inassimilável, jamais se completa. O leitor de *Thomas l'obscur*, chamado a acompanhar o desaparecimento de um solo reconhecível e a aparição de forças e agências não humanas coextensivas umas às outras, vê-se confrontado com a necessidade de sustentar um intervalo instável entre o medo da desorganização e a tentação do sentido.

Esse desafio, que aqui se impõe literariamente, encontra também elaboração ética e política em pensadores contemporâneos como Achille Mbembe, em *La Communauté terrestre*, e Rosi Braidotti, em *The Posthuman*. Na ficção de Blanchot, a narrativa assume a forma de uma experiência-limite que responde, na modalidade de exposição que a caracteriza, àquilo que Mbembe (2023, p. 11) identifica como constitutivo do vivo: o "incalculável" [incalculable] e o "inapropriável" [inappropriable]. Assim como em Braidotti (2013, p. 35), que rejeita a distinção dualista entre cultura e natureza e concebe a matéria como inteligente e auto-organizada, em Mbembe (2023, p. 18), o vivo é aquilo que se anima pela circulação permanente de fluxos e energias, atestando tanto uma ausência de separação entre as formas viventes quanto sua inapreensibilidade.[3]

3 A concepção do vivo como campo relacional não hierárquico dialoga implicitamente com cosmologias afrodiaspóricas e com noções antigas de interdependência ontológica,

Para o pensador camaronês, essas características do vivo são as bases para uma reconfiguração da convivência que destitui o humano para se fundar na exposição (p. 13).

É precisamente nesse ponto – em que o vivo se define pela exposição ao incalculável e ao inapropriável, não se deixando estabilizar nem reconduzir a um horizonte de sentido prévio – que *Thomas l'obscur* inscreve o não humano não apenas como tema, mas também como operação narrativa. Tal operação não se limita a representar uma alteridade externa ao humano, mas incide sobre as próprias condições de enunciação, fazendo da narrativa um espaço de despossessão no qual linguagem, corpo e percepção deixam de reconhecer regimes de relação entre seres e fluxos e, com isso, de obedecer a hierarquias cognitivas previamente disponíveis. O risco ético da resposta encontra sua contrapartida formal na instabilidade própria a uma ontologia negativa em operação, sem que essa instabilidade se resolva em negatividade abstrata ou se deixe reduzir a uma oposição entre sentido e vazio. Ao contrário, é nesse movimento que a palavra literária se mantém em estado de abertura, exposta a uma indeterminação que não funda, mas desorganiza modos de existir – e de reconhecer o vivo.

Para compreender como esse risco comparece e se intensifica ao longo da obra, será preciso examinar de que modo o não humano atua como força narrativa desde os primeiros movimentos dessa obra.

---

como a *pratītyasamutpāda* [cooriginação dependente, conforme tradução proposta por Mayara Dionízio com base em Silva (2011)] budista, nas quais a vida se define pela "coemergência", e não pela centralidade de um sujeito. Essa afinidade se deixa entrever na própria reflexão de Blanchot, como registra Jean Paulhan (2011, p. 22): "Ele [Thomas] me serviu, pessoalmente, para avançar ali onde já não há caminho, para me separar do mundo da psicologia e das análises e para entender que sentimentos e existência só podem ser profundamente experimentados numa estada onde, como dizem os *Upanishads*, não há nem terra nem água, nem luz nem ar, nem infinito do espaço nem infinito da razão, nem ausência total de todas as coisas, nem este mundo, nem outro" [Il m'a servi personnellement à avancer là où il n'y a plus de chemin, à me séparer du monde de la psychologie et des analyses et à comprendre que sentiments et existence ne peuvent être profondément ressentis que dans un séjour où, comme disent les *Upanishads*, il n'y a ni terre ni eau, ni lumière ni air, ni infini de l'espace ni infini de la raison, ni absence totale de toutes choses, ni ce monde-ci ni cet autre. (Maurice Blanchot em carta de 27 de maio de 1940, à Jean Paulhan e publicada por este)]. Nessa tese, todas as traduções de citações são nossas.

1. O NÃO HUMANO COMO FORÇA NARRATIVA E RISCO ONTOLÓGICO

Publicado pela primeira vez em 1941 pela editora Gallimard, *Thomas l'obscur* marca a estreia literária de Maurice Blanchot. Escrita ao longo de quase uma década, entre 1932 e 1941, a obra conheceu ao menos cinco versões distintas, conservadas nos arquivos do autor, antes de ser profundamente retrabalhada e publicada, em 1950, como *récit*. Essa transformação não corresponde a uma simples mudança de classificação formal. Em Blanchot, a noção de *récit* – frequentemente traduzida como "relato" e "narrativa" – adquire um sentido singular, designando um regime ficcional específico, no qual o tempo deixa de funcionar como eixo organizador e a causalidade perde sua força explicativa. No *récit*, o acontecimento já não é contado, mas irrompe na própria escrita, em um espaço narrativo impessoal em que o sentido não precede a experiência, mas se expõe à sua própria instabilidade.

Como escreve Blanchot (2013, p. 8), em *O livro por vir*, "a narrativa [le récit] não é o relato do acontecimento, mas o próprio acontecimento", sendo a ação que ela presentifica a "da metamorfose, em todos os planos que pode atingir" (p. 11). O *récit* implica, assim, uma concepção de linguagem em que a palavra deixa de organizar o mundo segundo um ponto de vista humano, isto é, segundo um regime de inteligibilidade que pressupõe a centralidade de uma consciência capaz de dar forma, medida e orientação ao que aparece. Em *Thomas l'obscur*, essa palavra, levada à sua potência máxima de acontecimento *désoeuvrant*, passa a operar como força autônoma de transmutação, expondo o leitor a um risco ontológico específico: o de responder a forças textuais que não se deixam estabilizar como sentido e que, ao mesmo tempo, deslocam a posição daquele que lê, tornando incerta sua capacidade de reconhecimento e orientação.

É nesse horizonte que se inscreve a busca de Blanchot por um outro modo de figuração ficcional, no qual os elementos tradicionais da narrativa cedem lugar a uma palavra que já não *representa*, mas *se apresenta*. Longe de funcionar como metáfora ou ilustração, a linguagem se configura como palavra que se faz imagem, como *aparição*. Conforme observa Didi-Huberman (2011, p. 29), a imagem se dá no tempo da aparição: ela não remete a um referente ausente, nem se deixa reduzir a um signo orientado para um fim. Em vez disso, ela se faz "ponto de contato entre os possíveis do imaginário e o impossível do real" (Didi-Huberman, 2011, p. 28). Em *Thomas l'obscur*, a linguagem torna-se meio em si mesma, condição

ambiente, mas também ativa em que algo irredutível pode advir sem se fixar, manifestando-se como presença inseparável de seu próprio recuo.

Essa mutação ontológica da palavra implica que a linguagem deixe de funcionar prioritariamente como signo para tornar-se realidade autônoma, material e processual, e que assuma, não raro, um caráter ameaçador. A palavra já não é ferramenta, mas coisa – ou, mais precisamente, conjunto de coisas em relação, sendo esta atravessada por forças impessoais. Blanchot (2011, p. 18) descreve esse regime nos termos de uma palavra em que o ser fala sem sujeito, tornando sensível, por uma "mediação silenciosa", "o murmúrio gigante sobre o qual a linguagem, ao abrir-se, converte-se em imagem, torna-se imaginária, profundidade falante, indistinta plenitude que está vazia".

A palavra-imagem constitui, então, uma realidade autônoma que já não aponta para um referente externo, porém afirma-se como positividade própria. Se, no regime representacional, o signo opera por substituição simbólica – pois nomear é sempre substituir a coisa por aquilo que a designa –, em Blanchot essa ausência adquire um caráter positivo, já que não indica a falta da coisa, mas sua falha constituinte, que é também a condição de seu aparecimento fora das identidades que a fixariam como isto ou aquilo.

Nesse contexto, em que a palavra comparece como coisa não reificante e acontecimento "desobrante",[4] podemos situar, de modo lateral, a afinidade de Blanchot com a escrita de Mallarmé. A chamada escrita "terrorista" dirigida contra a República francesa das Letras,[5] em

4 Termo originado de "désœuvrement" [desobramento], "desobrante" designa aquilo que, na linguagem, interrompe a obra, a retira da ordem da produção e do sentido garantido. Cf.: Casal; Almeida Filho (2012) e Castro (2017).

5 Em 1885, a morte de Victor Hugo gera diversas inquietações e mudanças na sociedade francesa. A partir disso, Mallarmé (1999[1895]), em *Crise de vers*, chega a afirmar a existência de uma crise no seio da concepção literária mesma. Como conta em "La Musique et les lettres", as intensas transformações políticas do período colocavam a necessidade de uma transformação também literária. Desse modo, se durante o século XIX ocorrem mudanças estruturais na sociedade francesa, podemos dizer que as mudanças se impõem como exigência sobre a literatura com o desaparecimento de Victor Hugo. A partir de então, tornar-se-ia necessário romper com os modelos rígidos da prosódia tradicional. É assim que a obra mallarmeana estabelece a distinção entre dois regimes de linguagem, buscando liberar a literatura de sua função representativa e explorar suas potências próprias: por um lado, a linguagem ordinária, de natureza utilitária, associada à prática, à racionalidade, ao trabalho e ao conceito, cuja eficácia reside justamente em seu apagamento mediante o objeto; por outro, a linguagem literária, aquela do *fora*, que se constitui na própria experiência de sua realização, característica da poesia e da literatura.

sua busca pela palavra essencial, não interessa aqui como programa estético a ser retomado, mas como sintoma de uma crise mais profunda da significação: aquela em que o sentido deixa de ser garantido por qualquer instância soberana, seja ela o autor, o conceito ou a língua comum. Na leitura blanchotiana,[6] esse gesto é deslocado e radicalizado, não mais como aposta na pureza da palavra, mas como exposição àquilo que, no interior da linguagem, resiste a toda captura. É nesse deslocamento que o *hasard* mallarmeano perde seu estatuto de exceção poética para tornar-se operador estrutural do *fora*, isto é, daquilo que atravessa a literatura sem jamais se deixar integrar plenamente a ela.

O acaso já não designa um evento contingente, mas a irrupção de uma alteridade que não pode ser prevista nem reconduzida a um regime de inteligibilidade estável. Nesse *fora* – que não coincide com um exterior empírico nem com uma negatividade abstrata –, a palavra não aponta para um sentido oculto a ser desvelado, mas para aquilo que permanece desconhecido. O que comparece, então, é uma presença irredutível que se manifesta precisamente em sua opacidade e na impossibilidade de coincidir de modo pleno consigo mesma. É nesse sentido que o risco epistemológico e ontológico da narrativa em *Thomas l'obscur* se prolonga como risco ético da leitura: não mais se coloca a pergunta "o que estou lendo?", mas o compromisso de resposta ao que o texto (des)faz e que não pode ser reduzido a objeto de conhecimento sem perda.

Nesse novo modo de ler, o descentramento radical do sujeito e uma despossessão do gesto leitor não espelham simplesmente o descentramento e a despossessão que agem na narrativa, mas se deixam afetar por eles de modo assimétrico e não programável. Dessa experiência de leitura emerge, potencialmente, a coragem de não repelir o estranho, e sim de encará-lo até que o susto inicial se transmute em reverência diante de sua delicadeza – ou mesmo em pasmo perante sua brutalidade; sabendo, contudo, que há um ponto em que responder já não significa dizer, mas sustentar a interrupção da linguagem. Em qualquer dos casos, trata-se de uma experiência leitora sustentada pelo reconhecimento do irredutível em sua condição viva.

Tomemos um trecho do quarto capítulo de *Thomas l'obscur*, em que a palavra "olhos" substitui os olhos de Thomas, já indistinto do texto que lê:

6 Como consta nos compilados em obras *Faux pas* (1943), *La Part du feu* (1949) e *L'Espace littéraire* (1955), a propósito da obra de Mallarmé.

> Diante de um texto tão resguardado, longe de se afastar, ele empregou toda sua força para apreendê-lo, recusando-se obstinadamente a retirar o olhar, acreditando ser ainda um leitor profundo, quando já as palavras se apoderavam dele e começavam a lê-lo. Ele foi pego, amassado por mãos inteligíveis, mordido por um dente cheio de seiva; entrou com o corpo vivo nas formas anônimas das palavras, dando-lhes sua substância, forjando suas relações, oferecendo à palavra ser seu ser. Durante horas, ele permaneceu imóvel, com, no lugar dos olhos, de vez em quando, a palavra olhos: estava inerte, fascinado e desvelado (Blanchot, 1950, pp. 28-29).[7]

Nesse trecho não há metáfora, há uma substituição material: a palavra *torna-se* o olho, ocupando seu lugar no corpo do personagem e no próprio texto. De modo ainda mais radical, quando Thomas luta com a palavra-besta – "anjo negro, coberto por pelos ruivos, cujos olhos faiscavam", "rato gigantesco de olhos penetrantes" (Blanchot, 1950, pp. 33 e 32)[8] –, a linguagem encarna-se como um ser vivo. A palavra não descreve um rato, ela *é* o rato, com dentes e olhos reais que mordem e devoram Thomas. Este, por sua vez, já não pode ser pensado como uma substância autônoma anterior a esse encontro. Sua existência se dá no contato com a palavra, com o animal ou com a força impessoal que os atravessa; ambas as substâncias se transmutam mutuamente, instaurando uma zona de indiscernibilidade na qual já não é possível saber onde termina o humano e onde começa a linguagem, o animal ou o próprio fora que os convoca.

Se, até aqui, o não humano comparece como fora [dehors] textual impessoal, animalidade da linguagem e fora que atravessa, essa dinâmica não se dá sem instaurar, simultaneamente, uma nova cena de interpelação. Pois aquilo que age sem sujeito não apenas atravessa Thomas, mas o expõe a um fora que o olha de volta, sem mediação simbólica nem promessa de reconhecimento. O não humano deixa então de operar apenas como ambiente narrativo ou potência anônima e passa a colocar a própria posição daquele que lê, deslocando o problema da agência para o da resposta. A respeito dessa autonomia e agência plena do não humano – isto é, do fato

7 "D'un texte aussi bien défendu, loin de s'écarter, il mit toute sa force à vouloir se saisir, refusant obstinément de retirer son regard, croyant être encore un lecteur profond, quand déjà les mots s'emparaient de lui et commençaient de le lire. Il fut pris, pétri par des mains intelligibles, mordu par une dent pleine de sève; il entra avec son corps vivant dans les formes anonymes des mots, leur donnant sa substance, formant leurs rapports, offrant au mot être son être. Pendant des heures, il se tint immobile, avec, à la place des yeux, de temps en temps le mot yeux: il était inerte, fasciné et dévoilé".

8 "[...] d'ange noir, couvert de poils roux, dont les yeux étincelaient"; "rat gigantesque, aux yeux perçants".

de que o não humano nos olha de volta e de que nos desfazemos e nos constituímos nesse cruzamento de olhares –, Jacques Derrida traz uma contribuição importante para nossa leitura de *Thomas l'obscur*.

Em *L'Animal que donc je suis*, Derrida inicia uma parte de sua reflexão narrando uma experiência pessoal de pudor ao se ver visto, nu, por um gato. Essa vergonha é o afeto que marca seu encontro com uma alteridade que não entra no jogo da reciprocidade; não decorre de uma transgressão moral, porém de uma assimetria ontológica radical. O gato o vê nu sem participar da cena do pudor, pois a nudez é uma experiência exclusivamente humana. Esse olhar – segundo Derrida (2006, p. 18) "um olhar de vidente, de visionário ou de cego extralúcido"[9] –, que não devolve reconhecimento simbólico, desestabiliza a posição soberana do sujeito e produz vergonha não porque o gato julga, mas porque não responde segundo o regime humano de significação.

Derrida (2006, pp. 24-25) recorre ainda à constatação de Alice, em *Alice no país das maravilhas*, segundo a qual os gatos sempre responderiam da mesma maneira, não havendo distinção entre um ronronar para dizer "sim" e um miado para dizer "não". "Toda essa questão do animal", escreve Derrida (2006, p. 24), "se resumirá a saber não se o animal fala, mas se podemos saber o que significa *responder*. E distinguir uma resposta de uma reação".[10] Diante do ronronar invariável de um gato real – e não de um gato "literário", que se presta à metáfora –, tendemos a concluir, sob uma lógica cartesiana, que o animal não responde, apenas reage. Tal como o gato real em Derrida, os elementos não humanos de *Thomas l'obscur* exigem do leitor uma ética da resposta que prescinde da reciprocidade e da tradução, de modo que responder não seja interpretar o não humano, e sim sustentar o intervalo em que ele age, olha de volta e desorganiza, sem jamais se tornar discurso.[11]

Escrito durante a primeira metade do século XX, período em que narrativas como as de Kafka e Beckett davam forma à crise do sujeito moderno diante das guerras mundiais e do colapso das grandes narrativas, *Thomas l'obscur* se inscreve, contudo, em um deslocamento que precede e excede essa crise, já anunciado, em outro registro, pela crise

9 "[...] un regard de voyant, de visionnaire ou d'aveugle extra-lucide".
10 "[...] reviendra à savoir non pas si l'animal parle mais si on peut savoir ce que veut dire répondre. Et distinguer une réponse d'une réaction".
11 Ou ainda, tornando-se "escrita fora da linguagem" [écriture hors langage], tal qual Blanchot (1969, p. 56) pensa o estatuto da palavra em *L'Entretien infini*.

da significação assumida como impulso estético na poesia de Mallarmé. Não se trata, portanto, apenas da crise do sujeito moderno nem de uma revolução estética entendida como programa ou ruptura formal. Trata-se, em vez disso, de uma exploração radical da agência não humana, do emaranhamento dos corpos e da dissolução das hierarquias ontológicas que colocam o "humano" no topo. Nesse sentido, a narrativa deixa de ser apenas uma alegoria existencial obscura ou uma crítica performática à herança humanista e se torna uma experimentação da vida para além do humano. O que dela emerge não é a angústia de um sujeito ou a decadência de uma sociedade, mas a apresentação de um mundo composto por redes de agentes humanos e não humanos – uma visão profundamente relacional e "desantropocêntrica" que antecipa literariamente algumas inquietações fundamentais do pensamento contemporâneo, como já mencionado em Achille Mbembe (2023) e Rosi Braidotti (2013).[12]

É nesse ponto que a noção blanchotiana de *neutro* deixa de ser um adjetivo e passa a nomear a própria operação narrativa em *Thomas l'obscur*, ainda que de forma retrospectiva na obra de Blanchot. Se a noção de neutro aparece em sua obra ainda em 1953, em "La Solitude essentielle", como adjetivo, e, em 1958, com a publicação de "L'Étrange et l'étranger" na *Nouvelle Revue Française*, de forma substantivada, ainda assim essa noção contribui para pensarmos a narrativa de 1941. Com efeito, o *neutro* constitui um operador decisivo diante do não humano em *Thomas l'obscur*, pois designa aquilo que, na experiência literária, excede quaisquer binarismos ou dualidades para que fale uma voz inidentificável, o desconhecido, o irrepresentável como tal.

Nessa região liminar, as oposições como eu/outro, sim/não, vida/morte se desfazem, não em uma síntese dialética, mas em uma suspensão ativa das distinções, complexificando a compreensão blanchotiana acerca da realização da literatura e avançando, no que tange à sua filiação teórica, de uma singular adesão à ontologia negativa hegeliana para uma metaontologia ao lado de Emmanuel Lévinas. Como escreve Christophe Bident (2010, p. 38), há, na obra de Blanchot, uma verdadeira "poética do neutro" [poétique du neutre], que também é ética na medida em que preserva o movimento criador sem tentar capturá-lo em forma ou finalidade. Em sua linguagem crítica-filosófica-ficcional, Blanchot

12 Nesse sentido, gostaríamos também de mencionar a publicação de Jonathan Boulter: *Blanchot, Ecology and Contemporary Fiction: The Thought of the Disaster* (Presses Universitaires d'Édinbourg, 2023).

preserva esse movimento anônimo, segundo Bident (2010, p. 21, grifo nosso), através da "metamorfose de uma delicadeza mortífera, mas indiscutivelmente ética, na medida em que preserva o movimento essencial da criação, *neutro*, portanto".[13]

É nesse sentido que podemos afirmar que Thomas encarna – especialmente nos capítulos iniciais, nos quais nos concentramos aqui – uma verdadeira fisiologia do *neutro* e que a narrativa, com todos os elementos não humanos que a compõem, torna-se ela mesma a manifestação processual desse *neutro* cujo movimento é gerador: a narrativa não fala sobre ele, encontra nele sua operação. Essa presença "neutra" do não humano implica o que Bident (2010, p. 26, grifo nosso) chama "movimento infinito de reconhecimento do *neutro*" como resposta ética possível diante dele, pois, ao "colocar em questão o conceito e mesmo a possibilidade da narrativa, isto é, de uma ordem do discurso" (p. 26), o "neutro" situa o leitor na posição de terceiro, porém de "terceiro ativo, chamado, não a completar a história, mas a medir o reconhecimento possível de qualquer história" (Bident, 2010, p. 43).[14] Responder ao não humano, aqui, não é compreender nem dominar, e sim sustentar esse reconhecimento sempre incompleto.

2. APARIÇÕES DO NÃO HUMANO EM *THOMAS L'OBSCUR*

Como pudemos notar, em *Thomas l'obscur* o não humano não é um tema entre outros, nem um elemento figurativo que emoldura um drama da consciência. Ele constitui a própria condição ontológica da narrativa, a matéria-prima de um mundo em que a linguagem se comporta como força elemental: ao mesmo tempo ambiente e agente. Diante dessa transformação radical da linguagem, cuja realidade nomeada ganha em autonomia em relação à intencionalidade do sujeito, o gesto leitor convencional mostra-se insuficiente. Mais do que inadequado, ele pode se revelar violento quando tenta reduzir ao regime do conhecido aquilo que se sustenta pela opacidade e pela recusa a ser transparente para uma consciência.

13 "[...] métamorphose d'une délicatesse mortifère mais indiscutablement éthique, en ceci qu'elle préserve le mouvement essentiel de la création, neutre, donc".
14 "[...] mouvement infini de la reconnaissance du neutre"; "met à l'épreuve la conception et même la possibilité du récit, soit, d'un *ordre du discours*"; "tiers actif, appelé, non à compléter l'histoire, mais à mesurer la reconnaissance possible de toute histoire".

Diante disso, parece fecundo abordar algumas das formas provisórias de manifestação assumidas por esse "não humano" na narrativa, tendo sempre em mente que ele a atravessa e constitui integralmente, de modo que apresentar suas aparições de forma analítica responde apenas a uma necessidade expositiva. Em *Thomas l'obscur*, elas não se organizam como categorias, mas como contágio. A noção de "aparição" substitui a de "figuração", na medida em que não remete a uma forma visível estabilizada. Como observa Blanchot (2011, p. 277), as aparições são uma espécie de presença que se funda sobre uma ausência fundamental, sobre um desaparecimento: "'Tudo desapareceu' aparece. O que se chama aparição é isso mesmo: é o 'tudo desapareceu' que se torna, por sua vez, aparência".

A seguir, abordaremos algumas de suas aparições privilegiadas nos primeiros capítulos – o mar, a noite, um gato –, não como "símbolos" a serem decodificados, mas como manifestações plenas do impessoal. Cada uma delas opera uma fissura no regime ordinário da percepção e do sentido, exigindo menos uma hermenêutica do que uma fisiologia da leitura: a capacidade de suportar, no corpo e no pensamento, o contato com aquilo que não se deixa apropriar, que se deixa apenas atravessar. Essas "aparições" funcionam como aberturas para a emergência do *neutro* blanchotiano, ou ainda, para um campo de experiência anterior à distinção entre sujeito e objeto; nela o "eu" se desfaz, e a linguagem pode, enfim, ser aquilo que nomeia – água, escuridão, animal. Na próxima seção, acompanharemos como cada uma dessas aparições, ao se impor, reconfigura radicalmente as possibilidades de resposta, transformando a leitura de um ato de compreensão em um gesto de exposição responsiva.

O MAR

Logo no início da narrativa, o mar diante do qual Thomas se senta não aparece apenas como cenário da experiência de um sujeito, mas também como cena inaugural de um atravessamento que afeta corpo, percepção e linguagem. "*Thomas s'assit et regarda la mer*" (Blanchot, 1950, p. 9, grifo nosso) é a frase de abertura no texto em francês. Thomas senta-se e olha o mar, mas essa posição de "aquele que vê" rapidamente deixa de ser uma posição segura: logo em seguida, entra no mar – não por decisão própria:

ele desliza por uma encosta de areia em meio à agitação das águas após "uma onda mais forte" [une vague plus forte] (p. 9) tê-lo tocado. Esse mar que *age* – sacode, submerge, dispersa; engole, paralisa e transforma Thomas – chega, inclusive, a perder sua materialidade característica. Trata-se, paradoxalmente, de uma "ausência de mar" [absence de mer] (p. 11) que arrasta o corpo, deixando de ser "meio líquido" para tornar-se força ativa que obriga o personagem a experimentar-se fora da categoria humana.

A voz narrativa insiste nisso quando pergunta "seria realmente água?" (Blanchot, 1950, p. 10),[15] indicando que a experiência de Thomas – e a do leitor – já não se inscreve num real estável, e sim numa zona de indeterminação entre humano e elemento. E, assim como o mar, o vento, a espuma, a bruma e a tempestade não são descrições de paisagem, mas agentes que configuram a percepção, alterando a consistência do corpo e do pensamento. O não humano se apresenta, aqui, como ambiente agente que "vê" e, em certo sentido, pensa o humano, reconfigurando seus limites. O mar, "agitado pelo vento, sublevou-se. A tempestade o transtornava, dispersava-o em regiões inacessíveis; as rajadas revolviam o céu e, ao mesmo tempo, havia um silêncio e uma calmaria que deixavam pensar que tudo já estava destruído" (p. 10).[16] Esse mar da cena inicial é o primeiro grande agente não humano que desestabiliza todo um regime de visibilidade, afirmando-se como realidade ao negar-se à percepção estável e recusando ser objeto de conhecimento, tornando-se um problema metaontológico que só se pode abordar por uma relação de coengendramento: é a água que dá a Thomas um corpo para nadar.

Se o mar, a água e o vento operam essa despossessão no plano diegético, é na materialidade da linguagem narrativa que essa força não humana encontra sua expressão mais notável. A prosa de Blanchot não descreve a dissolução: ela a *realiza* no corpo do texto através de frases que se desfazem, de uma sintaxe que se nega a estabilizar sentidos e de uma repetição sem progresso que esvazia a palavra de sua referência, fazendo da própria leitura uma resposta sensível de exposição e desapropriação. O leitor se encontra, portanto, em uma pura textualidade líquida, sem fundo e sem superfície – operação que se

15 "Était-ce réellement de l'eau?"

16 "C'est alors que la mer, soulevée par le vent, se déchaîna. La tempête la troublait, la dispersait dans des régions inaccessibles, les rafales bouleversaient le ciel et, en même temps, il y avait un silence et un calme qui laissaient penser que tout était déjà détruit."

aprofunda com a desmaterialização do próprio elemento. A "certeza de que a água faltava"[17] (Blanchot, 1950, p. 10) transforma o mar num fluxo insosso, uma ausência ativa que desfaz a materialidade conhecida.

A pergunta "Seria realmente água?" não é retórica, e sim expressão de um mundo onde as categorias entram em colapso. Nesse processo, o corpo de Thomas não nada no mar, mas é progressivamente reconfigurado pelo mar – seus membros adquirem a "mesma sensação de estranheza que a água" (Blanchot, 1950, p. 11),[18] dissolvendo a fronteira entre o orgânico e o elemental. A metamorfose culmina na visão de um "aglomerado dinâmico de cílios e vibrações" (p. 12);[19] Thomas já não é uma pessoa, mas um fluxo biológico impessoal. O real aqui já não é uma presença a ser conhecida, mas essa ausência ativa que consome as categorias do humano, executando a dissolução do sujeito no meio impessoal da água-sal-como-texto.

A leitura como atividade de resposta não busca explicar essa ausência, busca deixar-se afetar por sua textura opaca e seu caráter arrastante. Trata-se de uma desativação epistemológica no gesto mesmo de leitura que configura, ao mesmo tempo, uma disposição de se manter em relação e de acolher a natureza processual do texto que se apresenta. Assim como a água insossa desmineraliza Thomas, dissolvendo-o em "cílios e vibrações", a linguagem de Blanchot leva a dessubjetivar a leitura. O leitor é convidado a sofrer no texto uma química análoga, que transforma a busca por sentido na paciência de um corpo textual vibrátil, exposto à corrente contínua do *neutro*, à realidade de um mar que não é água – e à qual só se responde deixando-se ler por ela, tornando-se, assim, também o leitor, um aglomerado de ressonâncias.

A NOITE

Se o mar operava a dissolução do corpo de Thomas pela violência do meio, a noite aprofunda uma despossessão mais silenciosa, que incide não sobre a matéria orgânica, mas sobre o próprio pensamento. Introduzida no segundo capítulo – quando ele retorna à orla, após a experiência turbulenta com o elemento –, a aparição da noite opera uma dissolução ainda mais radical de qualquer subjetividade psicologizante. Essa noite é investida de um

17 "[...] certitude que l'eau manquait".
18 "[...] même sensation d'étrangeté que l'eau dans laquelle ils roulaient".
19 "[...] amas entreprenant de cils et de vibrations".

aprofundamento de sua obscuridade, pois se trata, segundo nossa leitura, de uma noite mais escura do que Thomas esperava – e que Blanchot (1950, p. 16) chamará de *outra noite* em *O espaço literário* –, cuja escuridão "submergia tudo", permitindo, paradoxalmente, "que se alcançasse sua realidade em uma relação cuja intimidade era perturbadora".[20]

A distinção entre a personagem e essa "massa noturna" [masse nocturne] (Blanchot, 1950, p. 16) – expressão que sublinha sua densidade e sua gravidade próprias – revela-se, mais uma vez, instável. Esse movimento paradoxal culmina numa identidade sem sujeito, produzida a partir da alteridade mesma, em um dos momentos mais densos da narrativa, que permite entrever um dos gestos fundamentais de Blanchot na figuração ficcional que o autor persegue: a identidade estabelecida entre o pensamento de Thomas e a noite.

Notemos que Thomas estabelece contato com a noite precisamente quando decide "virar as costas ao mar" (Blanchot, 1950, p. 14).[21] Se esse gesto parece, por um instante, reintroduzir uma distinção entre sujeito e elemento, o gesto logo se subverte: ele penetra um bosque, estende-se na grama e desce a uma espécie de cava – lugar que a própria leitura resiste a situar no cenário natural. É apenas quando, após diversos desconfortos, comete a imprudência de lançar um olhar ao seu redor que essa "identidade" entre seu pensamento e a noite se consuma:

> [...] fora dele encontrava-se algo semelhante a seu próprio pensamento que seu olhar ou sua mão poderia tocar. Devaneio repugnante. Logo a noite lhe pareceu mais escura, mais terrível do que qualquer outra noite, como se tivesse realmente surgido de uma ferida do pensamento que não se pensava mais, do pensamento ironicamente tomado como objeto por outra coisa que não o pensamento. Era a noite mesma. Imagens que faziam sua escuridão inundavam-no. Ele nada via e, longe de se deixar abater por isso, fazia dessa ausência de visão o ponto culminante do seu olhar (Blanchot, 1950, p. 17).[22]

---

20 "L'obscurité submergeait tout, il n'y avait aucun espoir d'en traverser les ombres, mais on en atteignait la réalité dans une relation dont l'intimité était bouleversante."

21 "[...] tourner le dos à la mer".

22 "[...] en dehors de lui se trouvait quelque chose de semblable à sa propre pensée que son regard ou sa main pourrait toucher. Rêverie répugnante. Bientôt, la nuit lui parut plus sombre, plus terrible que n'importe quelle nuit, comme si elle était réellement sortie d'une blessure de la pensée qui ne se pensait plus, de la pensée prise ironiquement comme objet par autre chose que la pensée. C'était la nuit même. Des images qui faisaient son obscurité l'inondaient. Il ne voyait rien et, loin d'en être accablé, il faisait de cette absence de vision le point culminant de son regard".

Essa "ferida do pensamento" pode ser lida como um ponto de irrupção do impessoal. A noite não é o que Thomas vê, é o que vê através dele, uma exterioridade que se revela idêntica à sua mais íntima faculdade, justamente porque ambas foram esvaziadas de qualquer conteúdo pessoal. O pensamento, tornado objeto de si mesmo, é devorado pela escuridão que ele próprio convocou. A visão atinge seu ápice na ausência de visão: o olhar que se faz pura exposição à noite, sem intenção de iluminá-la. Nesse movimento, a noite confirma-se não como contraponto do dia ou metáfora de uma ignorância, mas como o meio material do pensamento desapropriado – um pensamento que, finalmente, coincide com a opacidade do mundo.

É nesse ponto da narrativa que a ambiguidade de um simples pronome no texto em francês permite entrever um dos gestos fundamentais de Blanchot em *Thomas l'obscur*, e que se evidencia na passagem do texto para o português. Em um gesto tanto carnal como intelectual, performa-se o encontro entre Thomas e a noite ao seu redor:

> Autour de son corps, il savait que sa pensée, confondue avec la nuit, veillait. Il savait, terrible certitude, qu'*elle* aussi cherchait une issue pour entrer en lui. Contre ses lèvres, dans sa bouche, elle s'efforçait à une union monstrueuse. Sous les paupières, elle créait un regard nécessaire. Et en même temps elle détruisait furieusement ce visage qu'elle embrassait (Blanchot, 1950, pp. 19-20).

> Ao redor de seu corpo, ele sabia que o pensamento, confundido com a noite, velava. Sabia, terrível certeza, que também ele procurava um acesso para adentrá-lo. Contra seus lábios, em sua boca, ele se esforçava por uma união monstruosa. Sob as pálpebras, criava um olhar necessário. E ao mesmo tempo destruía furiosamente o rosto que beijava.

Nesse trecho, é impossível determinar o referente do pronome *elle*, se é *la nuit* [a noite] ou *la pensée* [o pensamento]. Não se trata, portanto, de uma ambiguidade acidental, mas de uma indistinção cuidadosamente escrita: pensamento e noite tornam-se coextensivos, impossíveis de serem separados sem trair a experiência que o texto encena. Na passagem para o português, entretanto, tal ambiguidade não pode ser preservada. Em português, "pensamento" é um substantivo masculino, de modo que o gesto tradutor – inevitavelmente hermenêutico, nesse caso – se vê obrigado a reconfigurar o regime de sentido do parágrafo, ou melhor, de devolvê-lo ao regime de sentido – que o texto em francês consegue suspender.

Podemos chamar ainda atenção para o gesto que *veiller* – em português "velar", "vigiar" ou, ainda, "manter-se em vigília" – apresenta.[23] Aqui, a "vigília" de Thomas e da noite, além de implicá-los mutuamente, comporta tanto o gesto de atenção da sentinela que "vigia", quanto a atenção fúnebre de quem permanece junto a um morto (como em "velar" um cadáver) e a vigília como travessia da noite – olhar de quem dilata as pupilas no escuro. A vigília, nesse contexto, não é um estado de alerta soberano, mas a exposição prolongada a um limiar que não se deixa fixar, no qual ver, zelar e atravessar a noite coincidem sem se estabilizar em gesto ou função. Trata-se de uma atenção sem apropriação; não há, aqui, reciprocidade, e sim contágio. Entre Thomas e a noite não se estabelece uma relação entre dois termos discerníveis, mas a coextensão num mesmo fora, onde pensamento e noite se implicam na medida mesma em que se desapropriam. O que se sustenta não é uma posição, é a permanência nesse fora comum, onde o pensamento coincide com sua própria opacidade.

UM GATO

A aparição do gato, no quinto capítulo da narrativa, opera outra modalidade dessa desapropriação, deslocando a questão para o problema da resposta. Nesse capítulo, Thomas é percebido por um gato. Dessa vez, a consciência que experiencia o colapso do mundo não é apenas a de Thomas, mas a de um gato quase cego. "O que está acontecendo?" (Blanchot, 1950, p. 34),[24] pergunta esse gato em primeira pessoa, também ele em contato com a noite. Seus sentidos habituais, como o olfato, além de suas formas usuais de relação com o mundo – como miar, ronronar, eriçar os pelos – deixam de funcionar como vias de orientação.

Esse gato, que perdeu o rabo e é conduzido pela cabeça, pensa – e sua experiência se aproxima da humana não por excesso de razão, mas por perda de mundo, isto é, pela falta de um campo sensível que torna o mundo habitável. Não se trata de uma humanização alegórica do animal; trata-se da emergência de uma consciência descentrada, privada de garantias perceptivas, que já não coincide com as funções mais constitutivas do próprio corpo.

23 Para ler mais sobre o verbo "veiller" em *Thomas l'obscur* quanto a sua passagem para o português, ver: Monteiro de Lima (2026).
24 "Que se passe-t-il?"

O colapso que atravessa esse gato não é, portanto, interior, e sim ambiental: ele já não reconhece odores, não pode cair, não pode temer adequadamente, não consegue sequer produzir o medo que sente. Sua voz torna-se monstruosa, porque fala sem saber o que diz; pensa sem que o pensamento lhe sirva de orientação; percebe sem que a percepção lhe ofereça um mundo. A monstruosidade que o toma é a de um ser privado de meio, lançado numa noite que não responde mais aos seus gestos e que o repele como um vazio intransponível. O gato não perde a vida, perde o lugar – torna-se um ser sem mundo, condenado a uma sobrevivência sensível sem horizonte de ação. Thomas, por sua vez, assume a postura do gato e, de joelhos, põe-se a cavar a terra. A cena não é de identificação simbólica, mas de transmissão: o humano adere ao gesto do animal no ponto em que ambos compartilham a mesma falência de orientação no mundo.

Thomas cava a própria sepultura. A cena produz uma torção decisiva, na qual a ausência de um corpo morto – pelo fato de Thomas ainda estar vivo – confunde-se com o próprio ser-morto. Ele cava como quem prepara o lugar de um cadáver que coincide consigo mesmo e, nessa coincidência, dissolve-se a distinção entre o morto e aquele que vela o morto. Ele é, ao mesmo tempo, o corpo que falta e o coveiro que insiste. O gesto não é inaugural: é a sétima vez que cava. A repetição não é psicológica, mas ritual; e a ambiguidade entre morte e vida atinge aqui seu gesto limite. Thomas não consegue morrer – como se esperaria de um gato após sua "sétima" morte –, mas tampouco pode permanecer vivo; é repelido da morte como o gato é repelido da queda. Preso a um duplo que o antecede em cada sepultura possível, ele experimenta uma morte sem acesso à própria morte – uma desapropriação radical que já não distingue entre experiência, sobrevivência e aniquilamento, fazendo pensar na figura de Lázaro e de uma ressurreição sem morte.

Ao encenar essa experiência de contato com o não humano através das figuras do gato e de um Thomas que cava a própria sepultura, o texto não propõe uma leitura simbólica, mas uma economia da experiência sem garantias, inclusive a da morte. O que se desloca não é apenas a identidade do sujeito, e sim, mais uma vez, as próprias vias de acesso ao mundo, e de sua despedida. O não humano, aqui entendido como operador e não como tema, força a experiência leitora a sustentar uma consciência sem mundo. Nesse ponto da narrativa, vida, morte, humano e animal deixam

de funcionar como categorias estáveis, exigindo o reconhecimento de um campo em que tais distinções já não orientam a experiência.

3. RESPONDER AO QUE NÃO SE RECONHECE

A leitura-despossessão-metamorfose de algumas figurações não humanas em *Thomas l'obscur* revelou que, na narrativa de Blanchot, o não humano não se apresenta como alteridade reconhecível nem como horizonte de reconciliação, mas como plano impessoal de emergência do real, no qual nenhuma instância – humana ou não – detém primazia ontológica. O "não humano" não é um outro: é o devir outrem, é o tecido. O mar, a noite e o gato não são exteriores a Thomas; eles constituem a condição anônima de possibilidade da realidade, da qual o humano emerge apenas como efeito local e transitório. Nesse sentido, a narrativa, em lugar de organizar um confronto entre domínios distintos, instala o leitor num campo em que as categorias de humano, animal, vida e morte perdem sua estabilidade, tornando-se efeitos provisórios de uma experiência descentrada.

A exigência que essa obra dirige ao leitor não é a do reconhecimento nem a da integração do não humano a um horizonte de sentido previamente dado, e sim a de uma resposta agora entendida como exposição sem garantias. O risco que atravessa essa resposta diz respeito não à perda de uma identidade – categoria já insuficiente –, mas à ameaça de colapso da própria capacidade de responder, isto é, de manter uma posição frágil, porém ativa, diante do impessoal. O limiar ético da resposta não é dado de antemão: ele emerge como efeito sensível do contato prolongado com aquilo que desorganiza o mundo. Ler como gesto de resposta implica, assim, arriscar modos precários de consistência subjetiva, sustentando forças e aparições que não prometem reciprocidade, retorno ou confirmação. A ética não antecede a experiência; ela aparece, se aparece, como resto instável de uma exposição que não se fecha sobre si.

Talvez por isso o afeto experimentado por Thomas no capítulo final – em uma cena que retoma seu confronto inicial com o mar – seja precisamente o de vergonha. Não uma vergonha moral, mas uma vergonha de quem compreende que não há garantia de retorno à forma humana como centro, medida ou abrigo do sentido, e que atravessar o *neutro* não autoriza a falar em seu nome. A vergonha marca, assim, o ponto em que a exposição ao impessoal se reconhece como irredutivelmente precária e eticamente inapropriável, fora da soberania. É também sob essa lente que

se pode ler uma das constatações "finais" de Thomas: a de que "apenas a humanidade pode morrer" (Blanchot, 1950, p. 107)[25] – não como afirmação de um privilégio ontológico, e sim como o reconhecimento de que apenas a forma humana permanece vinculada a uma economia da morte. Nesse regime, morrer ainda pode aparecer como limite, evento ou sentido, enquanto o *neutro*, ao qual Thomas se expõe, persiste fora dessa lógica, sem começo nem fim, sem promessa de término.[26]

Quando se trata do não humano, a linguagem torna-se, portanto, o meio material da metamorfose, caracterizando-se por uma "afocalidade" constitutiva, por uma ausência de ponto de vista privilegiado. Thomas, embora seja o "personagem principal" que dá título à obra, em sua qualidade de duplo obscuro não está excluído dessa afocalidade. Isso porque a escrita de Blanchot não progride por encadeamento causal ou orientação teleológica, mas por justaposição de aparições, em que nenhuma figura explica a anterior nem prepara a seguinte – o que faz ressoar o encontro de seu pensamento com a filosofia ética de Lévinas anos mais tarde, ética da alteridade messiânica, entendida aqui em sentido não escatológico, e sim como nome provisório para a impossibilidade de fechar o tempo. Em Lévinas, algo, alguém vem; o rosto me convoca àquele que não sou, e sua palavra não nos une, ela soa como uma interpelação da diferença da qual decorre a necessidade da relação. Em Blanchot, entretanto, essa necessidade não está assegurada por um rosto que chama: o acontecimento impessoal se sobrepõe, no plano da narrativa, à relação ética, pois instaura uma relação sem interpelação, sem endereço e sem possibilidade de reconhecimento. Diante dessa escrita, a leitura é ética apenas na medida em que é convocada a abandonar sua vocação de ordenar ou "responder", em sentido levinasiano, e oferecer-se como interface temporária do plano impessoal que a narrativa faz emergir.

O leitor assume, então, a posição de testemunha ativa da metamorfose, mais do que a de alguém que responde a um chamado. Não havendo interpelação nem endereçamento, não há, ainda, possibilidade de reconhecimento do "outro como outro", e sim tão somente impossibilidade de reconhecer. Em si mesma, essa alteridade funda não a responsabilidade,

25 "[...] l'humanité seule peut mourir".

26 A experiência da morte, em Blanchot, é a da impossibilidade mesma de se viver a morte como experiência. Morrer exige um "eu", e o neutro dissolve o "eu", a tal ponto que a morte não pode ser apropriada como evento pessoal. Por isso Thomas cava a própria sepultura repetidamente e não chega à morte, mas é expulso da morte, assim como o gato é expulso da queda. A morte, aqui, não é ausência de vida, é ausência de acesso ao fim.

e sim a capacidade de não recuar para que se possa testemunhar. Como Thomas e a noite, o leitor se encontra em estado de vigília – vigiando e velando um espaço em que o sentido não se decide, mas persiste como questão viva. Sua leitura não estabiliza o indeterminado, mas sustenta sua aparição sem violentá-la, sem reconduzi-la a esquemas de inteligibilidade que a "reaprisionam" na forma. Nesse gesto, a linguagem deixa de ser instrumento de domínio, de soberania, e torna-se comum: não um lugar de repouso do sentido, porém o espaço da exposição incessante diante da insistência de um real sem vocativo.

Essa resposta ao não humano não se dá sem custo. Ao oferecer-se como superfície de inscrição do impessoal, o leitor se expõe à perda de formas reconhecíveis de humanidade, pois nem toda configuração subjetiva atravessa intacta a experiência do neutro. Responder, nesse caso, implica aceitar uma zona de falha – região em que a resposta já não sustenta a continuidade do humano e coincide com sua interrupção parcial. O reconhecimento dessa falha é a medida do que não pode ser acompanhado sem resto. A convocação blanchotiana é, assim, uma injunção à permanência não como duração, mas como recusa da retirada e da apropriação.

Diante do não humano, é também preciso saber calar: não por resistência soberana, e sim porque algo deixa de poder ser dito, podendo apenas ser testemunhado. Nesse silêncio vigilante, esboça-se, talvez, o risco de uma nova e precária consistência – ética mínima e radical de uma exposição compartilhada, em que responder já não significa permanecer, mas consentir no esgotamento de certas formas de reconhecimento, voz e identidade.

4. O SILÊNCIO E A PALAVRA POSSÍVEL

A escrita desse artigo foi também um silêncio produzido no contato com o não humano, uma tentativa de reduzir a inércia antropocêntrica da linguagem e de instaurar um campo capaz de acolher o *neutro* sem estabilizá-lo definitivamente. Junto a Blanchot, a palavra persiste no limiar não porque hesite, mas porque faz do limiar sua própria condição – lugar impróprio, espaço que não se pode habitar, intervalo que convida incessantemente a outro modo de permanecer. Se a frase não descreve nem define Thomas, o mar, a noite ou um gato, ela se torna o lugar onde continuam a acontecer como forças de dissolução. E se isso implica reconhecer o movimento infinito do *neutro*, o fim deste artigo só poderia

se esboçar não como encerramento, e sim como suspensão, sugerindo, em vez de conclusões, a possibilidade sempre precária de uma palavra.

Na leitura, a aparição desse silêncio é uma interrupção, porém não uma ruptura com o texto. Calar, aqui, não é um gesto de abandono, tampouco uma simples pausa. Não se trata de uma decisão soberana; trata-se, antes, de um cessar da fala que não se extingue. Se a resposta é o intervalo relacional, cala-se quando o intervalo se contrai a ponto de esmagar quem responde – quando não há mais "entre", mas colapso na indistinção. Aí, a resposta se torna impossível e não é por falta de coragem; é por excesso de contato e por reverência ao inassimilável. O livro não se fecha nem se esquece: continua aberto na página em que as palavras começam a ler quem lê. Ao calar, a resposta ainda pulsa como gesto, no entanto já não encontra vias de inscrição no circuito do discurso. Há algo no não humano que excede qualquer protocolo de resposta – sinal de que a alteridade foi encontrada em sua radicalidade própria.

Permanecemos, então, numa forma paradoxal de vigília. Essa vigília não corresponde a um estado de consciência intensificada; ao contrário, ela corresponde a uma suspensão ativa do controle interpretativo. A síncope da consciência não é fuga: é a retração do sujeito enquanto instância organizadora para que algo outro se manifeste através do organismo. No contexto da leitura, é o momento em que lemos e já não entendemos mais, mas também não interrompemos a leitura – a mente desfoca, e as palavras são sonoridade, textura, ritmo. Não interpretamos: somos atravessados. E isso não é passividade, é uma forma extrema de atenção, a mais radical exposição possível: tornar-se superfície de inscrição do texto. Testemunhamos, em uma atenção desatenta à exigência de sentido, porém atenta à modulação material do que aparece.

Entretanto, uma questão ou, ainda, uma "ferida do pensamento" permanece aberta: e quando o não humano não se apresenta apenas como plano impessoal ou força de dissolução, e sim como forma de vida situada, ou de continuidade dotada de necessidades reconhecíveis? Um gato com fome, uma árvore que pede luz, um rio cuja vocação é fluir. Aqui, a pura exposição ao excesso do desconhecido não basta e pode se tornar irresponsável. É preciso responder de modo ajustado à vocação do outro, às condições mínimas de sua continuidade – a seu modo próprio de aparecer e às condições frágeis de sua duração –, mesmo sem compreendê-lo totalmente. Testemunhar não é salvar-se pela distância, é implicar-se sem se dissolver completamente – gesto que emerge quando a dissolução

não se completa, mas também não se interrompe. Só testemunha quem não desapareceu por inteiro, quem teve espessura o suficiente para não colapsar no contato, mas também não voltou ileso.

Nossa leitura não nos autoriza a uma abstração desencarnada. Pelo contrário: ela nos treina para uma atenção tão aguda ao irredutível que nos torna mais capazes de responder ao reconhecível sem reduzi-lo. Entre a alteridade radical do *neutro* – que exige de nós o abandono de todo projeto interpretativo, ontológico – e a evidência de uma lógica imanente das formas de vida não humanas, que convoca uma resposta concreta, instala-se uma zona ética de máxima delicadeza. Não se trata de escolher entre a reverência ao mistério e a responsividade ao reconhecível, mas de sustentar ambos os gestos simultaneamente, sem que um anule o outro.

Diante do texto de Blanchot é preciso aprender a responder a vocações textuais – ritmo, opacidade, repetição – sem violar sua irredutibilidade; responder sem mediação simbólica, porém com implicação material. Diante de formas de vida situadas, essa resposta pode exigir gestos igualmente situados, não interpretativos. Diante de um gato, talvez seja preciso oferecer água, piscar lentamente os olhos, ou ainda, num gesto compartilhado que não é projeção nem simples espelhamento, começar a cavar.

Talvez seja aqui que a experiência literária de Blanchot toca sua dimensão mais ordinária e, ao mesmo tempo, decisiva: a de aprender a habitar com o outro, humano ou não, sem posse e sem indiferença. A de descobrir que responder não é dominar nem se fundir, mas sustentar uma vulnerabilidade ativa – frágil, intermitente, quase impossível –, permanecendo no espaço tenso entre o que nunca entenderemos e o que não podemos ignorar.

REFERÊNCIAS

BIDENT, Christophe. Les Mouvements du neutre. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, jan./jun. 2010, pp. 13-33.

BLANCHOT, Maurice. *Faux pas*. Paris: Gallimard, 1943.

BLANCHOT, Maurice. *La Part du feu*. Paris: Gallimard, 1949.

BLANCHOT, Maurice. *Thomas l'obscur*. Paris: Gallimard, 1950.

BLANCHOT, Maurice. *L'Espace littéraire*. Paris: Gallimard, 1955.

BLANCHOT, Maurice. *L'Entretien infini*. Paris: Gallimard, 1969.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BOULTER, Jonathan. *Blanchot, Ecology and Contemporary Fiction: The Thought of the Disaster*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2023.

BRAIDOTTI, Rosi. *The Posthuman*. Cambridge: Polity, 2013.

CASAL, Amanda Mendes; ALMEIDA FILHO, Eclair Antonio. A conversa infinita: a ausência de livro de Maurice Blanchot. Trad. [e resenha] João Moura Jr. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 29, 2012, pp. 195-210.

CASTRO, Carolina Villada. Blanchot: traduzir a des-obra (désoeuvrement). *Olho d'Água*, São José do Rio Preto, v. 9, n. 2, 2017, pp. 11-24.

DERRIDA, Jacques. *L'animal que donc je suis*. Paris: Galilée, 2006.

DIDI-HUBERMAN, Georges. De semelhança a semelhança. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, jan./jun. 2011, pp. 26-51.

MALLARMÉ, Stéphane. *Crise de vers*. Paris: Ivrea, 1999.

MBEMBE, Achille. *La Communauté terrestre*. Paris: La Découverte, 2023.

MONTEIRO DE LIMA, Victória. L'indécidabilité de « veiller » dans Thomas l'obscur (1950). *Espace Maurice Blanchot*, 2026. Disponível em: https://blanchot.fr/lindecidabilite-de-veiller-dans-thomas-lobscur-1950-victoria-monteiro-de-lima/. Acesso em: 24 abr. 2026.

PAULHAN, Jean. *Œuvres complètes, tome III*. Paris: Gallimard, 2011.

SILVA, Silas Carlos Rocha da. *O Vazio e o Logos: um estudo comparativo entre a filosofia da vacuidade de Nagarjuna e a filosofia do logos de Heráclito*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2011.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O perspectivismo ameríndio ou a natureza em pessoa. *Ciência & Ambiente*, Santa Maria, n. 31, 2005, pp. 123-132.

Recebido: 29/1/2026
Aceito: 17/4/2026
Publicado: 10/11/2026